



Jeremias Bentham

Jeremias Bentham, celebre jurisconsulto e publicista inglez, nasceu em Londres no dia 15 de fevereiro de 1748, e faleceu no dia 6 de junho de 1832, em Queen Square Place, Westminster, na residencia em que habitou sempre nos ultimos cincuenta annos da sua vida.

Estudou direito em Oxford, e ali seguiu as lições do famoso jurisconsulto inglez Blackstone; sendo muito para notar que ainda como estudiante começo logo a dar mostras de que não o satisfaziam as opiniões do professor.

Tendo alcançado o titulo universitario que o habilitou para o exercicio da advocacia, entrou effectivamente no fôro; e bem lhe fa n'isso, porque tinha a vantagem de ser seu pae um acreditado Procurador (*Solicitor*), que muito o podia favorecer na difficil tarefa da obtenção de clientela. Desagradaram-lhe, porém, as leis inglezas, e a forma do processo; e não tardou que pedisse a seu pae a permissão de se retirar d'aquelle profissão, e de se ocupar, como era mais de seu gosto, de propôr a reforma de tudo o que lhe parecia máo, antes do que tirar proveito do que desapprovava. (*I found it more to my taste, disse elle em um dos seus escriptos, to endeavour, as I have been doing ever since, to put an end to them, than to profit by them.*)

Em 1776 appareceu a sua primeira publicação: *A Fragment on Government*. — Em 1778 imprimiu a *Introduction to the principles of morals and legislation*, obra que sómente foi publicada em 1789.

Em 1785 foi pela terceira vez a Paris, e d'ali

passou á Italia, á Constantinopla, á Bulgaria, á Valaquia, á Moldavia, á Russia, — d'onde regressou a Inglaterra, atravessando a Polonia, a Alemanha, e a Hollanda.

Em 1791 publicou o *Panopticon, or the inspection house*, obra, na qual tratava da disciplina e melhoramento das prisões.

Cumpre dizer o: d'aqui em diante, a historia de Jeremias Bentham é a historia do que elle pensou, do que escreveu. Os seus escriptos, numerosos e variados, grangearam-lhe uma grande celebriade, — ainda mais nos paizes estrangeiros, do que na propria Inglaterra. — Para esta ultima circunstancia concorreu principalmente a associação que effeitrou com Dumont, de Genebra. Bentham *pensava*, e Dumont, seu collaborador, *escrevia*; e tanto mais, quanto o primeiro tinha dificuldade de escrever, ao passo que ao segundo era facil a expressão do pensamento.

O principio capital da philosophia de Bentham é que o fim de todas as ações humanas e da moralidade consiste na felicidade quer dizer, no prazer e na isenção de todo o desgosto, — pois que, no seu conceito as ações dos entes sensíveis são inteiramente reguladas ou governadas pelo prazer e pelo desgosto. A felicidade é o *summum bonum*, de facto a causa unica desejarável apenas como meio para alcançar aquelle fim: logo, a producção da maior somma possível de felicidade é o unico objecto de todos os esforços humanos, e, por consequencia, de toda a moral, de toda a legislação.

Ao sistema de Bentham, fundado n'estes principios, deu-se a denominação de — *Systema Utilitario*. — Cumpre, todavia, notar que esse sistema não é original; antes de Bentham, já Hobbes e Helvetius tinham chegado á conclusão do egoismo, como principio; Bentham, porém, renovou a face da philosophia do *interesse*, alargando a deducção das consequencias, dando-lhe uma forma mais positiva, e desentranhando do sistema mais algumas applicações praticas — que não são aliás de despresar.

Contra a philosophia do *interesse* ou da *utilidade* resumiu um escriptor discreto as objecções nos seguintes termos:

O ponto de partida de tal sistema é falso:

1.º porque ha no coração do homem movimentos e instintos, que não dimanam do egoismo.

2.º porque conduz a legitimar acções, contra as quais se revolta indignada a nossa natureza interior.

A philosophia do interesse não simplifica a moral, quando substitue a noção do *util* á noção do *bem*; pois que, d'este modo, não nos é mais facil entendermo-nos sobre o que será util ao maior numero, do que sobre o que será bem — em si mesmo.

É perigosa, por isso que o *interesse bem entendido* é uma religião a tal ponto elevada, que ao commun dos homens não poderia ser proveitosa. E com effeito, o commun dos homens exploraria o principio á sua vontade, sem aceitar as precauções que o sistema utilitario busca estabelecer.

Finalmente, a doutrina utilitaria tende inevitavelmente a girar fóra da esphera em que o pretendem encerrar, — por quanto substitue um egoismo, sem elevação, á auctoridade inviolável das leis moraes.

— Esta resumida impugnação da philosophia utilitaria é demasiadamente laconica. Para com modidade dos leitores, que mais a fundo quizerem estudar esta especialidade, temos por conveniente inculcar-lhes os subsidios a que pôdem recorrer; e sâos os seguintes:

*Introduction générale à l'histoire du droit*, par M. E. Lerminier. Bruxellas. 1830.

*Philosophie du droit, ou Cours d'Introduction à la science du droit*. Par M. W. Bellime. Paris. 1836.

*Du vrai, du Beau et du Bien* par M. Victor Cousin. Paris. 1834.

*Cours de droit naturel, professé à la Faculté des Lettres de Paris*. Par M. Th. Jouffroy. Paris. 1835-1843.

Esta ultima, e muito notável obra contém umas poucas de lições, especialmente consagradas ao examen e refutação do sistema utilitario de Bentham. E por que muito faz ao nosso propósito, registaremos aqui a razão porque Jouffroy se demora tanto com a doutrina de Bentham: — «A celebriidade, justamente adquirida, de que Bentham gosou em vida, e que por muito tempo continuará a gosar um tão notável publicista, — a influencia practica, que as suas opiniões e escriptos exercitaram no seu paiz e em outras partes da Europa e do mundo civilizado, justificarião aos vossos olhos esta especie de excursão, da qual não haveis de queixar-vos.» =

— Alludimos ha pouco a Dumont; e força é dizermos agora duas palavras á cerca d'elle, com referencia mais particular a Bentham.

Dumont naseeu em Genebra no anno de 1739. Foi ministro da egreja protestante d'aquella cidade. Passou em 1783 a S. Petersburgo, onde,

por espaço de 18 mezes, esteve curando a egreja protestante francesa. Convidado por Lord Shelburn (depois marquez de Lansdowne) para lhe educar os filhos, veio para Londres, onde se relacionou com os mais notaveis homens do partido Whig. Nos annos de 1788 a 1791 visitou a França, e em Paris se relacionou intimamente com o grande Mirabeau, a quem se diz ajudava na composição dos discursos e relatórios.

Quando em 1791 voltou a Inglaterra, estreitou relações com Jeremias Bentham, por effeito da admiração que os talentos d'este lhe inspiravam, e profundamente impressionado pelo movimento de idéas do notável publicista inglez; e desde logo tomou sobre si coordenar, rever, corrigir, resumir convenientemente os escriptos sem contacto que Bentham mal podia publicar. Improbo trabalho, que, embora não pareça muito glorioso em si, faz grande honra a Dumont, tanto mais quanto teve ainda que melhorar o estylo dos escriptos do seu amigo, sobre fazer uma escolha apurada, sobre dar lucidez, clareza e boa disposição ao que no original carecia de todas essas qualidades.

Eis aqui as obras de Bentham, das quaes Dumont foi editor na lingua francesa: — *Traité de Législation*. 3 vol. 1802. — *Théorie des peines et des récompenses*. 2 vol. 1811. — *Tactique des Assemblées Législatives*. 1815. — *Preuves Judiciaires*, 2 vol. 1823. — *Organisation Judiciaire et Codification*. 1828.

Esta só enumeração dos escriptos de Bentham, independentemente de outros desenvolvimentos, basta para tornar celebre o nome do pensador inglez. O que porém é de justiça acrescentar, é que ainda os mais severos impugnadores do sistema utilitario elogiam as atiladas e finas concepções, as observações profundas de Bentham, e a nobre e generosa audacia com que combateu tudo o que se lhe afigurou ser erro, ou preconceito.

Estamos ainda muito distante do que é necessário dizer a respeito de Jeremias Bentham; mas vae já muito extenso este artigo, e força é reservar para outro, ou outros, o que é indispensável referir.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

### O PRÍNCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS e as memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

### VIII

A viagem de Bonaparte — do Egypto para França — foi de uma felicidade inaudita. Escapou o general á vigilancia dos ingleses, e logrou desembarcar em Fréjus, para d'ali marchar, como que em triumpho, até Paris.

O principe Eugénio, nas suas Memorias, não podia apresentar uma narração circumstanciada dos factos; nem era esse o seu intento: limita-se a dar conta das suas recordações pessoaes, e a propósito, como de razão, dos acontecimentos em que figurou, ou de que foi testemunha presencial.

Eis aqui, em substancia, as circumstancias que elle aponta a respeito do miraculoso trajecto.

Ao principio tiveram um vento de servir, que lhes permitio arredarem-se rapidamente das costas do Egypto; passadas, porém, 24 horas, cessou o vento, e foi substituído por uma temerosa

calmaria, que durou nada menos que vinte e tres dias. Estavam a distancia de 60 légoas de Alexandria; mas como as correntes os avisinhavam do ponto da partida, começou a lavrar o susto entre os officiaes que acompanhavam o general; sendo de todos o que menos pôde dominar a inquietação o famoso Berthier. Virou o vento, e soprou então com violencia, como de ordinário sucede depois das calmarias; assim mesmo foi felizmente aproveitado, levando-os até Ajaccio, patria de Bonaparte. Ali foi o general recebido com entusiasmo pelos seus compatriotas, e, o que muito lhe interessava, conseguiu inteirar-se do estado das censas em França posteriormente ás noticias que podera obter no Egypto. Rececendo que as provincias do meio dia da França estivessem já invadidas pelo inimigo, projectou desembarcar na Hespanha, e assim o houveira realizado, se os ventos não fôssem contrários. Soube que uma esquadra ingleza andava cruzando entre Toulon e Genova; os ventos continuavam a soprar ríjos do lado das costas de Hespanha para as da Italia; supondo, porém, que o cruzeiro inglez estaria antes para as bandas de Genova, deu ordem para navegarem no rumo de Toulon. Por volta da tarde, depois de sairem de Ajaccio, onde se demoraram dois dias, começaram já a avistar as costas da França, quando do cimo dos mastros se ouvio uma voz: *Oito vélas, em caminho para nós!* A situação era critica; essas oito vélas não podiam deixar de ser da esquadra ingleza, e a fôrça franceza não estava no caso de se bater com ella... Bonaparte convoca a um conselho os officiaes de guerra e de marinha; muitos, e entre elles Gantheaume, que depois chegou ao posto de almirante, opinam que se volte á Corsega. O intrépido Bonaparte, porém, persiste no intento de abordar, a todo o tranee, as costas da França, e desde logo se navêga para o golpho Juan. Via-se aproximando a esquadra ingleza, e o perigo seria inevitável, se não fôsse a circunstancia de estar a fôrça franceza do lado do oriente, aquella hora da tarde já envolto na obscuridade, — de sorte que os franceses viam os navios ingleses, ao passo que estes não podiam avistar os franceses.

As tres horas da manhã estavam os franceses na altura de Fréjus, e ao romper do dia entravam no ancoradouro, quasi ao mesmo tempo que uma fragata ingleza! Mal se soube em terra da chegada de Bonaparte, viêram muitas pessoas saudar o general, rompendo em estrondosos vivas, e exclamando: «Eis o nosso libertador! O céo nol-o envia!»

N'um átomo se esvaeceu o susto de que estavam repassados os companheiros de Bonaparte. Em presença do entusiasmo com que era recebido o general, recobraram todos o perdido alento. Nem outra cousa podia suceder, desde que se reconhecia inspirar Bonaparte a mais viva esperança,—desde que a confiança no grande homem renascia no coração dos franceses. Aquelles que desde as praias do Egypto acompanharam Bonaparte, entre sustos, dominados pela desconfiança, e antevendo desenganos e desastres... sentiam agora orgulho em estarem associados ao homem, que ia pôr termo aos males da patria, e em poderem cooperar com elle para comprehendêr e levar ao cabo uma obra tão gloriosa!

— Seria, porém, sómente o povo de Fréjus e das suas vizinhanças o que se deixava repassar de entusiasmo, e tinha fé no futuro do grande homem? Não. A marcha de Bonaparte foi um não interrompido triumpho até á capital da França. «Um só sentimento, diz o principe Eugénio, um só sentimento parecia animar todos os franceses, e indicar ao general Bonaparte o que lhe cumpria fazer. Em Lyão, principalmente, tocou o entusiasmo as ráias do delirio. Não tinha eu ainda conhecimento dos projectos do meu general; mas estou convencido de que, se ainda no seu espirito havia alguma incerteza no que tocava á execução d'elles, — o acolhimento que recebeu em Lyão fôra capaz de lhe influir a mais positiva decisão.»

Bonaparte separou-se da sua comitiva; meteu-se em uma carruagem mais ligeira, e deu-se pressa em chegar a Paris.

— Uma particularidade, que muito intimamente interessava o coração do principe Eugénio, refere este, na conjuntura de que ora nos accu-pamos. É nada menos do que um acontecimento relativo a sua mãe, á futura imperatriz dos franceses.

Rececendo eu não exprimir adequadamente o que ha de melindroso n'esse breve episódio das *Memorias* do principe Eugénio, empregarei as palavras do narrador, fielmente vertidas em linguagem:

— Por um contratempo lastimoso, minha mãe, que, á primeira noticia do nosso desembarque, partira para vir ao encontro de seu marido até Lyão, tomou a estrada de Bourgogne, quando alias passava elle pelo Bourbonnais. D'este modo, chegámos nós a Paris quarenta e oito horas antes d'ella; de sorte que os inimigos de minha mãe tiveram o campo livre, e aproveitaram aquelle espaço de tempo para a indisporem com seu marido. Assim o pude eu perceber, ao presenciar a frieza com que elle a recebeu; e então vi, com bastante pesar, que tinha conservado as ruins impressões que eu diligenciara desvanecer nas confidencias que me fizéra no Egypto. —

— O que o principe Eugénio refere acerca da affluencia de visitas a casa de Bonaparte em Paris, e da curiosidade, entusiasmo e esperanças que o illustre general inspirava, está em perfeita harmonia com o que reférem os historiadores, ainda os mais sevérios.

Nos primeiros dias da sua chegada, diz o principe, viu o general Bonaparte as principaes autoridades, e recebeu as visitas de tudo quanto havia de mais distinto na capital. Era tamanha a affluencia, que os seus quartos, a entrada da sua casa, e até a rua em que habitava... não se despejavam jámais. Era esta uma esplendida homenagem votada ao seu merecimento, uma exaltação dos serviços que, tão moço ainda, tinha já feito á patria, e a expressão da confiança que elle inspirava de que outros maiores serviços havia de prestar ainda.

E na verdade, o povo francez via diante de si um homem de génio, summamente feliz, audaz, que empunhava uma espada até então considerada como invencivel. D'aqui resultou, que não só a multidão, mas até os homens de intelligença olhavam para elle, como para o salvador da França, tão desassisdamente governada havia dois annos. Que admira, pois, que o general

Bonaparte fosse cortejado por quantos homens notáveis havia então em Paris? Que admira que a sua casa se convertesse em uma espécie de corte? Que admira que o herói da Italia e do Egypto recebesse o tratamento de um príncipe, de um soberano?

O teor de procedimento de Bonaparte foi n'aqueles dias de uma circumspeção, de um tacto, de uma discrição e finura inexcedíveis. Aproveitou com uma habilidade sem igual as vantagens da sua posição, poupando com admirável sagacidade a profunda impressão que a sua vinda causaria, e calculando com um rigor matemático o partido que podia tirar da sua popularidade, no interesse da ambição — que lá dentro lavrava já fogosa.

Declara o príncipe Eugénio que, sendo ainda muito moço, e pouco iniciado no segredo dos negócios públicos, não pôde seguir em todos os promenores as circumstâncias que precederam e produziram o 18 *brumaire*; além de quê, andava todo absorvido pelo cuidado de desempenhar os seus devêres, como sempre costumou pelo andar dos tempos, e não lhe vinha ao pensamento imaginar-se em negócios que não eram da sua competência. Tal é a razão porque Eugénio não pôde apresentar-nos uma narração circumstanciada d'aquele memorável acontecimento; mas sim, e apenas, dar notícia de uma ou outra particularidade que o serviço a seu cargo lhe permitiu presenciar.

Antes, porém, de tomarmos nota do que nos refere o Príncipe Eugénio a respeito d'aquele acontecimento, o que faremos no artigo imediato, dirémos muito resumidamente o que se entende pela expressão — 18 *brumaire*. —

O dia 18 do mez de *brumaire*, do calendario republicano frances, corresponde ao dia nove de novembro de 1799. Nesse dia, que para sempre ficou assinalado na história, derribou o general Bonaparte o *Directorio*, governo que então presidia á direcção das cousas na França. O general fez evacuar a salla, onde estava deliberando o *Conselho dos Quinhentos*, á força de baionetas, e constituiu um novo governo, com o título de consulado, do qual fizeram parte elle general, e os cidadãos Sieyès e Roger-Ducos.

Não moralisarémos agora o procedimento do general Bonaparte: occasião teremos de o fazer no artigo imediato, por occasião de mencionarmos o que a tal respeito nos diz o Príncipe Eugénio nas suas *Memorias*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

### PAIZAGEM SUISSA

Se a natureza não favoreceu a Suissa com um solo feracíssimo, reuniu pelo menos n'ella tudo o que podia tornal-a pittoresca. A cada passo encontram-se variados monumentos da sua grandeza e magnificencia, de maneira que apresenta na conformação physica os caracteres mais distintos e particulares: altas montanhas sempre cobertas de neve, ferteis valles, infinitos rios e ribeiras que formam supreendentes cascatas, numerosos lagos cujas margens offerecem encantadoras paizagens.

A vista de tão sublime quadro lastimam-se as miseraveis agitações do mundo, a alma approxima-se da divindade, causa dó a pequenez dos

homens que passam na terra com suas mesquinas idéas e paixões, perante os grandes misterios da vida, e não é possível duvidar-se da omnipotencia do Creador, deixar de sentir o peso da mão de Deus sobre a humanidade.

Aquellas collinas, cidades e castellos recordam os heroes Julio Cesar, Guilherme Tell, Napoleão; lembram alguns nomes celebres entre os archeólogos da alma e os historiadores do pensamento, tais como Rousseau, Calvino, Byron, Stael, Segnancourt... Quando João Jacques percorria as solêndades da Meillerie, (1) quando contemplava a aspereza d'aqueles sitios, sem dúvida meditava as severas páginas que continham o germen do século XIX. O curioso viandante que atravessando o sombrio valle de Grutli pára um momento a examinar aquelles ermos, d'onde Guilherme Tell prometia a liberdade do povo helvético, julga ouvir ainda por entre a ramagem do copado arvoredo o juramento do estremo patriota.

As habitações campestres da Suissa estão espalhadas pelos valles, collinas e montanhas; seguem-se rapidamente as cidades e às ribeiras com bellos lagos; ligam-se as povoações nas planícies; descobrem-se não poucas sobre eminências quasi inacessíveis, sem receio da região das tempestades, das borrascas; as gargantas, os mais estreitos desfiladeiros, as beirias das quebradas e cataratas, a perigosa proximidade de massas de gelo, singulares nas fórmas e no tamanho, não obstante que se establecem ali numerosas pessoas.

Não são estas bellezas unicamente que tornam a Helvécia um paiz encantador e poético; os seus costumes puros e singelos promovem tambem um manancial de sensações novas e variadas.

Apresentaremos duas scenas que formam contraste admirável; uma de doce tranquillidade, outra de morte e desolação: — o banho de familia, e a queda das massas do gelo.

Para comprehender a primeira basta observar a estampa que acompanha este artigo, copia de um quadro de esperançoso artista.

Ao fundo distinguem-se a elegancia, o bom gosto das casas suissas, cujas paredes alvissimas, varandas e janellas adornadas de resplandecentes vidros, forma uma perspectiva agradavel. Eleva-se em frente da habitação uma fonte simples mas pittoresca; junto a ella uma montanheza com amental de riscado e chapéu de palha de arroz, sentada n'um tronco de arvore, banha seu querido filho completamente nu, que ao mesmo tempo se diverte com dois lindos patos; sua pequena irmã adornada de gorro preto, sob o qual ondeiam formosas tranças de cabellos louros como oiro, está de rosto voltado para as pequenas aves; do outro lado um rapazinho segurando na mão esquerda uma maçã de cor menos viva que suas rubicundas faces, mostra-se abstracto, sem pensar talvez em couça alguma; uma rapariga que vem buscar agua contempla com interesse o grupo: tudo, enfim, indica uma scena attrahente, cheia de belleza.

Depois de havermos observado este quadro passaremos a considerar o efecto produzido pelo desprendimento de uma montanha de neve: o ruido é extraordinario e indefinivel; infunde tão subido terror nos habitantes, que ficam por largo

(1) Aldeia a 19 kilometros NE. de Thonon, no margem S. do lago de Genebra. Proximo são os rochedos celebrados por João Jacques Rousseau.

tempo submersos na maior consternação. Os cumes das altas montanhas parecem sempre abrigados pelo vestido branco do rigoroso inverno, que, à semelhança de espesso véu, cobre aquelle

terreno; theatro n'outro tempo de grandes revoluções. A queda da neve é tanto mais perigosa quanto maior o espaço por onde se estende e o impulso dado ao ar. O furacão arrasta então tudo



O bando de famílias

o que encontra, casas, árvores, plantas, gados, nada respeita no seu furioso e desolador impelo. Os caminhos cobrem-se de neve quatro e cinco metros algumas vezes; montes de gelo caem no chão como se fossem ligeiros floccos; uma arvo-

re corporenta arrancada pela raiz vai prostrar-se á porta de uma casa, que estremece também com a força do furacão; rangem as madeiras, quebram-se os vidros, e no meio de tão triste cena são constrangidos os habitantes a abandonar suas

moradas. Triste espetáculo! O mundo parece estar nos ultimos paroxismos! A fraca claridade da lua observam-se os rostos lividos de muitos homens, mulheres e crianças, que, tendo-se salvado da total ruina de suas casas, vagueiam errantes, procurando um asylo que os proteja. No meio de tanta desgraça apossa-se do animo um pavor religioso vendo o cura cumprir os deveres do seu ministerio para com os moribundos. E solemne e magestoso o respeitavel sacerdote conduzir o sagrado Viatico por entre aquelles desgracados, que, com as cabeças descobertas e prostrados em terra, erguem os olhos para o céu, e de mistura com o rumor longiquo produzido pelo gelo caindo nos escabrosos montes, entoam o terrivel *Dies irae*.

No dia seguinte volvem aquelles rudes montanhezes aos sens habituaes mesteres, o despontar do sol reanime seus espíritos abatidos, e narram aos viandantes, que desejam informar-se, todos os pormenores dos desastres ultimos. A.

#### ASHAWERUS

(Continuado de pag. 283)

#### IV

Ashawerus é a personificação, é o symbolo ao mesmo tempo verdadeiro e poetico do povo judaico, d'esse povo amaldiçoado e precito, que corou, com as palmas do martyrio, ao Homem-Deus, ao Redemptor-Humanado, áquelle que por infinita bondade quiz encarnar-se e lavar com o divino sangue a mancha original, o peccado que ainda não tivera remissão.

A lenda da edade-media, que nas mãos de um romancista moderno de grande talento, grandissimas utopias e prodigiosos defeitos e qualidades, serviu de arma terrivel contra a propaganda ultramontana; a lenda, qual a acreditavam os homens de piedosa e singela crença, vem narrada em um livro do seculo XVII, denominado — *Meltemia historiae de Judeo immortali*.

A narrativa do afamado e sapientissimo historiador Cesar Cantu é tão cheia das brilhantes qualidades, que caracterisam o escriptor italiano, que temos por melhor vertel-a em linguagem.

Diz pois o historiador:

No anno... mas não importa o anno, por isso que cada seculo se apropriou do facto, viajava no Wittemberg o bispo de Sleswick, dirigindo-se para Hamburgo, afim de visitar na villa de Salen ao seu amigo Francisco Eysen, theologo e homem assisado.

Sendo acolhido com alegria e com todos os gazalhados, convidou Eysen ao viajante para assistir ao sermão da segunda-feira seguinte, que era o dia da Epiphania.

Não faltou o bispo de Sleswick, e, relanceando a vista por todos os ouvintes, avistou um ancião de grandes barbas brancas, que pelos modos prestava uma extrema attenção á predica, e gemia e batia nos peitos cada vez que ouvia pronunciar o nome do Jesus.

O bispo, como julgasse que tal homem devia de sentir algum remorso excruciente e pungitivo, mandou a um servidor, que o convidasse a vir á sua presença d'elle.

Chegou de feito o desconhecido, e porque achasse o bispo em numeroso convivio, hesitou de res-

ponder; depois, tocado da cordealidade allemã, tomou logar á meza ao lado do bispo de Sleswick, e n'estes termos contou a odysséa judaica.

Fui nado na tribu de Nephtali, no anno 3962 da criação, tres annos antes que o rei Herodes matasse a seus dois filhos, por ordem do imperador Augusto.

Chamo-me de nome Ashawerus; meu pae era carpinteiro; de agulha trabalhava minha mãe e fazia as vestes dos levitas, que bordava que nem um primor. Apresendi a ler e a escrever; depois, chegado á edade propria, deram-me o livro da lei e dos prophetas. Possuia meu pae um grande e velho livro encadernado em pergaminho, que herdara dos seus antepassados e no qual eu li coisas espantosas, que bom é que eu vos conte.

Quando Adão e Eva, nossos primeiros paes, tiveram dois filhos, Caim e Abel, julgaram que um d'elles seria o Messias, que os rehabilitaria do peccado da desobediencia. Esvaceceu-se esta esperança, quando Caim matou Abel. Annos sem conto o chorou Adão; depois, como tivesse muitos filhos e filhas, e sentisse proximo o passamento, chamou Seth, e disse-lhe: vae ao paraíso terrestre, e pede ao anjo Gabriel, que vigia á entrada com uma espada de fogo, que me deixe ainda entrar uma vez antes de morrer.

Seth, que nada sabia, foi-se ter com o anjo, e apresentou-lhe o requisitorio de Adão; mas o anjo respondeu-lhe: nem teu pae, nem tu, nem os teus descendentes entrarão no paraíso terrestre, senão no celestial.

Mal que o anjo assim fallou, mostrou-lhe de longe aquelle logar de delicias, em que seu pae, e mãe haviam habitado, e desobedecido.

De tal modo ficou maravilhado Seth, que se pôz a chorar; mas o anjo chamou-o e disse-lhe: Teu pae está prestes a morrer; toma lá tres sementes da arvore defesa, poisa-as na lingua d'elle depois de morto, e enterra-o assim.

Seth tornou-se para o pae, e fez como lhe foi ordenado. E no sitio em que Adão foi enterrado germinaram, pouco tempo depois, tres arbustos, que foram crescendo e obumbrando-se, e davam fructos tão lindos, quaes nunca se viram. Mas eram amargos e embotavam o dentes, e por isso nunca mais ninguem se importou com faes arvores.

Quando os nossos paes foram levados escravos para o Egypto, viu Moysés um sarçal ardente no sitio em que Deus lhe fallou, e foi ali que cortou a vara, com que operou os prodigios, que podeis ler nas sagradas letras.

Assim que chegaram á terra da promissão, começaram nossos paes de edificar cidades e fortalezas, com que se defendiam dos inimigos.

As arvores, em que fallei acima, estavam ainda no seu lugar sobre a montanha, aonde se elevou Jerusalém, e ficaram fóra do recinto, até os tempos d'el-rei David, que as metteu no circuito das muralhas, e elevou perto d'ellas uma casa para si, tão grata lhe foi a vista d'aquelle fructos.

Tres colheu elle um dia; no primeiro encontrou só terra; no segundo viu escripta a palavra *Chaschecab*, que quer dizer *recebe-o com amor*; no terceiro a paixão de Jesus-Christo, qual a predisse o santo rei nos seus psalmos.

No meio dos baldões, porque passou Jerusalém, a qual foi destruida, ficaram o palacio e

as tres arvores a uma distancia de milha até o momento em que Antipater, (Aristobulo), pae do rei Herodes primeiro, as mandou derribar em 3930, para alimpar o terreno, destinado ao supplício dos malfeiteiros, e que se denominou Golgotha.

Estas arvores foram levadas para a cidade e deitadas perto de um grande muro. Sobre elles me assentei muitas vezes e me entreguei ás ruidosas folganças da meninice com os meus companheiros. Foi com ellas que se fez a cruz de Jesus-Christo.

Prosegue Ashawerus dizendo que na edade de nove annos ouviu contar a seu pae que, tinham chegado tres reis, os quaes se haviam informado de um rei recemnascido, assim de o adorarem; então correu para junto d'elles e viu-os quando entravam em Bethlem.

Aqui começa Ashawerus a narrativa da vida do Menino-Deus e da sua fuga para o Egypto, parte segundo o Evangelho, e parte segundo os livros aproeryphios.

Como a santa familia fugisse para o Egypto, Maria, que de quando em quando se voltava para traz, viu um magote de soldados, e de tal arte se assustou que teria caido do burrico, se S. José a não amparasse.

Viram uma grande carvalha, aonde foram esconder-se, e subito as arvores se dobraram e os encobriram, e assim foi que os soldados passaram, sem darem fé dos fugidiços.

Logo após endireitaram-se os ramos, e a santa familia continuou a jornadejar.

Abeiraram-se do deserto no dia seguinte, e tanto que andaram muito caminho, encheram-se de grande pavor, porque de uma caverna sairam dois bandidos, que levaram José, Maria e o Menino, e tendo-os conduzido ao seu antro, perguntaram-lhes quem eram.

De todo se aterrou Maria, mas o Menino olhou para os bandidos com um olhar tão doce, e tanto lhes tocou o coração, que logo trouxeram faiixas para Jesus, e manteneças para seus paes.

Tinha a mulher de um dos bandoleiros um filho hydropico; depois de ter animado a Jesus, o mesmo faz ao seu filhinho que logo ficou curado. Espantados e absortos ficaram os salteadores, e por isso Maria e José foram bem gasalhados e repousaram na melhor camara, e no dia seguinte ensinaram-lhes o caminho.

Um ladrão, ao dar-lhes os emboras, disse para Jesus: Senhor, creio firmemente que sois mais do que homem, por isso que não tive coragem de vos matar a todos tres, e sois os primeiros que sahis salvos e illesos de minha casa. Lembrai-vos, pois, de mim e da miseria da minha vida. E deixou-os com as lagrimas nos olhos.

Era o mesmo ladrão, segundo attestou a Virgem, que foi crucificado com Jesus.

No correr da viagem, achou-se a santa familia fora do deserto ao meio dia, e a santa virgem poze-se a pé para repousar. De fatigada sentou-se á sombra de um tamarindo ao tempo em que José colhia alguma herva para o burrico. Erguendo os olhos para o ceu, viu Maria que as tamaras estavam maduras e pareciam muito formosas e teve desejos de comer algumas. Um ramo curvou se-lhe logo até aos joelhos e a Virgem comeu quantos fructos appeteceu.

## MARTYR DE AMOR

(Continuado de pag. 309)

### III

#### Preleccão instructiva

— Boas noites, creança, disse Christovam familiarmente ao recemchegado: como vão os teus negocios de amor?

— Bem e mal, replicou o moço com ligeiro tom de amargura.

— Não te entendo.

— Eu me explico, amigo. Aquella creança, que me prendeu o coração, tem uma cabeça que lhe prejudica todos os impulsos do sentimento. Raciocina de mais.

— Preciosa ridicula! volyeu Christovam com ligeira ironia.

— Não é bem isso! As preciosas ridiculas têm trinta annos vulgarmente, e fazem do seu forrado espirito uma especie de post-scripto á beleza que lhe vae fugindo. Lucia tem apenas dezesseis incompletos e quer fazer do talento um como prefacio aos encantos do seu rosto juvenil.

— O que tu és é um piegas e ella... uma tola... perdoa-me a blasphemia á conta da boa amizade que a dieta.

— Bem sei que tu, apesar da nossa diferença de edades, tens sido sempre para mim como um irmão mais velho, mas os teus julgamentos são sempre inexoraveis para o que chamas as pieguices do meu sentimento.

— Não me julgas de certo por isso um scepticosinho, que se entrineheira nos seus trinta annos e no seu primeiro cabello branco, para vomitar improperios contra o ardor juvenil dos vinte annos alheios: tão pouco me crês um blasé d'essa quasi extinta raça, que queriam ostentar como um diadema glorioso do martyrio ou do sofrimento a primeira ruga que lhes sulcava a fronte, devida talvez a noites de insomnia e de depravação nos sanctuarios da orgia. Conheces bem a minha vida para a meu respeito ruminares no espirito taes calumnias.

— Então porque me censuras tão desapiedadamente n'este amor, que é para mim a gloria, a vida, o futuro?

— Por uma razão muito simples. Porque júlgo que aquella affeiçao de uma creança insupporável te ha de dar na cabeça.

— A mim?

— E porque não? A actualidade é patarata. E não julgues isto rabugices de velho precoce. A exibição de uma gravidade temporâa é o maior peccado da geração actual. Condemnou-se o riso franeo, jovial, infantil, como perturbador da tranquillidade publica; e quem vê os manecbos de dezesseis annos passarem austeros, graves, solemnes e ridiculos, julga-os a todos elles, pelo menos ministros de estado, vergando sob o peso dos cuidados da salvação da patria. Os rapazes já não fazem do amor, do seu primeiro amor uma suave ocupação da juventude, uma rescente flor da primavera da vida, descuidosa, alegre, fertil de esperanças e de devaneios. Para elles o amor é um negocio, grave como as relações diplomáticas da France ou da Russia, importante como as cotações de fundos da praça de Londres ou de Amsderlam. O amor assim conside-

rado é uma atmosphera viciada, que asphyxia em vez de vivificar o coração. Das creanças do sexo feminino então não falemos: são todas Lúcias pouco mais ou menos. Quebram a ultima boneca muito antes de serem capazes de pensar o seu primeiro filho, tornando assim mentirosa a maxima de Victor Hugo a respeito da influencia consecutiva das bonecas e dos filhos no espirito das mulheres.

— O que eu vejo, meu amigo, é que o teu animo está serumbatico, perdoa-me o plebeismo do termo! e tens um demônio negro cavalgando-te o espirito.

— Pois olha que os horizontes da tua alma não são mais cõr de rosa do que os meus, apesar dos bons quinze annos de diferença que ha entre as nossas certidões baptismaes!

— Pois bem! Isto não é uma censura que te faço, é uma lição de historia philosophica que te peço. Historia philosophica, sim! não te riás, ou melhor philosophia da historia das paixões e amores do teu tempo.

— Como tu arrandas esse palavriado, meu amigo! Como é indigesta a litteratura em que vossos todos, moços da quadra presente, pretendem saciar a sede da intelligencia. Olha, nos meus vinte annos havia mais entusiasmo, mais crenças, menos sacrificio ás fórmulas. Não havia o curso superior de lettras, nem as nebulosidades da philosophia transcendentia a manchar-nos a pureza e limpidez da Castalia. Todos nós faziamos versos á nossa *clá, à roça* que era seu retrato, á *brisa* que lhe bafejava os cabellos, a estes mesmos *cabellos*, aos *olhos* castanhos, pretos, azuis ou de que cõr fossem, á *luz* nossa confidente... que sei eu? Era um nunca acabar. Versos tolos, concordo, mas naturaes, espontaneos, sentidos. Pergunta o a todos os rapazes da geração passada. Vê que entusiasmo transluzia em todas as suas poesias... poesias que tu hoje, e mais não prezas demasiado o teu bom nome litterario, não te atreverias a subscrever. Depois veiu a raça daminha dos poetas de cemiterio, que achavam sempre as inspirações nas esquinas pontas dos ciprestes ou nos braços das cruzes funerarias. Surgiu então ao sol meio embaciaado da litteratura merencoria uma coorte de *desalentos*, de *scepticisms*, de *suicidios* e de outras coisas feias e nauseabundas, que a litteratura amena esteve a ponto de fazer bancarrota, e os poucos leitores, que lhe restavam já, fugiram para o artigo-de-fundo. As mulheres abandonaram o hebdomadario, que lhes irritava os nervos, e entregaram-se á leitura dos romances philosophicos, que lhes estragaram o cerebro, sem lhes melhorar o coração. Os litteratos deitaram-se, com o prazer de viajar no desconhecido, ás paginas não comprehendidas de Hegel e Kant, e imaginaram acclimar no bello ceu da peninsula ás absurdadezas transhenanas. Quando a multidão os apupou, elles reuniram a lama que lhes aliraram e fizeram d'ella um pedestal em que se elevaram, todos anchos de si. Veiu o sol do bom senso e esborrou-lhes o ephemero capitolo. Os que não fugiram a tempo, ficaram-lhe enterrados nos alicerces.

— Eu tenho pena de te interromper essa longa tirada, de que podias fazer uma bella preleção n'algum sarão litterario, mas dize-me, — agora que a tempestade passou, não é razão de mais

para haver de novo a bonança no horizonte da actualidade?

— Engano ainda! Surgiu o sol, é verdade, mas entre nevoeiros. Acontece isto ás vezes depois dos chuvosos dias de inverno. O nevoeiro de hoje é a pieguice litteraria, que é o reflexo da pieguice sentimental da quadra.

— Mas dize-me, inexorável amigo, em que sou eu piegas?

— Nessas interminaveis lamurias com que preseguem uma creança pervertida, n'essas poesias... de tal singeleza que chegam a parecer prosa, em que contas, uma por uma, as pulsões do coração e os movimentos respiratorios do pulmão... e sobretudo na paciencia evangelica com que escutas as tolissimas dissertações philosophicas da Staél de satinhos curtos. E agora, meu amigo, se queres outra prova da tua candura tem-a na resignação mais que apostólica com que aturas as minhas catarrices.

— Não, Christovam! eu escuto-te sempre com prazer e tem-me de alguma coisa servido os teus conselhos. Rasguei hoje a minha ultima ana-crônica, e no encontro d'esta tarde com Lucia disse-lhe coisas empoladas, arrebatadas, delirantes, sobre o mar, sobre o futuro, sobre o meu amor e não sei que mais. Senti-me abrasado n'esse fogo que tu dizias ser peculiar aos rapazes do teu tempo.

— E Lucia?

— Respondem no mesmo tom com a facilidade que lhe é habitual, mas fazendo certa *étagage* de uma philosophia, que, aqui muito em segredo para nós, me pareceu ridicula!

— Estás salvo, meu amigo, operou-se a cura! Cortaste as peias que te prendiam o coração lá dentro e has de ser rapaz alegre e folgasão como te convém. Aposto que a primeira vez que te encontrarás n'alguma *soirée* com Lucia já a tiras para par, para lhe dizeres no fim...

Alegre vivendo... morrendo em teus braços,  
Morrera contente, morrerá dansando;

olha que os rapazes do meu tempo não se contentavam com menos. Hoje é que se ficam todos graves e sérios aos cantos da sala, feitos jarras da China, quasi com um gesto de repreensão para os papás e para os tios que, como eu, ainda não abjuraram os prazeres de Therpsicore.

— Has de confessar que a dansa é uma sublime loucura.

— Ou uma loucura sublime, como quizeres, mas onde houver quatro entes dos dois sexos e se não dansar, é porque não ha mocidade nem alegria entre elles. Dansa, pois, meu Claudio, dansa com a tua Lucia, convence-a de que ella é uma formosa creança, mas feita do triste barro dos miserios mortaes, e que por consequencia deve descer d'essas nuvens, onde uma mal dirigida educação litteraria a elevou, e quando ella se humanizar e se convencer bem intimamente que é mulher e que tem dezescis annos, ama-a então, ama-a delirantemente, faze loucuras por ella, chora n'um dia mas ri nos outros dois, e no fim de contas casa, ou esquece-a, que são as soluções possíveis de tales dramas... E agora que a preleção vai larga, vamos jogar uma partida de carambolas até serem horas de vir o correio.

(Continua)

e. n.